

# **COTIDIANO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**Reflexão sobre aspectos da rotina nas creches e pré-escolas, tomando com motivação os desenhos de Francesco Tonucci e buscando apoio em alguns trabalhos teóricos significativos na área da educação infantil.**

**Por: Ana Paula Galvão, Fernanda Scheuer Brum, Gabriela Handel, Joseane de Souza, Juliana Peres Gonçalves, Raquel Maria Pires, Viviane Pereira.**

**(7ª fase - Curso de Pedagogia - Educação Infantil - 1º semestre de 2001)**

## **INTRODUÇÃO**

### **Viviane Pereira**

A despeito da Constituição de 1988 e LDB 9.394/96 pretendemos mostrar como a concepção assistencialista de educação infantil e a concepção de criança como um vir-a-ser, continuam enraizadas nesse tempo que proclama a creche e a pré-escola enquanto espaço de vivências de direitos da cidadania. Neste diapasão permanece atual a obra “Com olhos de Crianças” do italiano Francesco Tonucci, em que a infância é retratada através de desenhos, onde muitos deles estão completando 30 anos de existência.

Isto posto, queremos deixar claro que apesar da obra se referir as instituições educativas italianas, ela expressa de forma magistral o que as crianças de nossos dias vivem e sentem neste ambiente educativo. Ambiente este, permeado de autoritarismo, permissividade e que não leva em consideração as reais necessidades e desejos destes seres que coabitam o mesmo espaço.

Nesta linha ressaltamos, que o espaço criado para atender filhos de mães trabalhadoras e menores de sete anos corre o risco de se tornar conforme carta de Mário Lodi à Francesco Tonucci, um ambiente de sofrimento para estas crianças, se ele for pensado como um ambiente de parada e não de vivências dos direitos da cidadania.

Sendo assim, afirmamos que a creche e a pré-escola não podem mais ser vistas como um “cabideiro” e disciplinadoras do tempo e da ação das crianças, porque já conquistamos no nível da lei um caráter educativo diferente do desenvolvido no meio familiar, nos hospitais ou nas escolas de ensino fundamental.

Basta portanto, partirmos para as decisões concretas que realmente ratifiquem o papel pedagógico e a função social destas instituições educativas que atendem crianças de 0 à 6 anos.

## **A CRECHE NÃO É UM CABIDEIRO**

**Raquel Maria Pires**

A creche não é um depósito de crianças, onde elas passam grande parte do dia recebendo assistência/cuidados do Educador. As crianças não estão na creche para passar o tempo. Não estão na instituição apenas para que seus pais/responsáveis possam trabalhar. Não estão lá para ficar sem fazer nada e passar o dia na ociosidade.

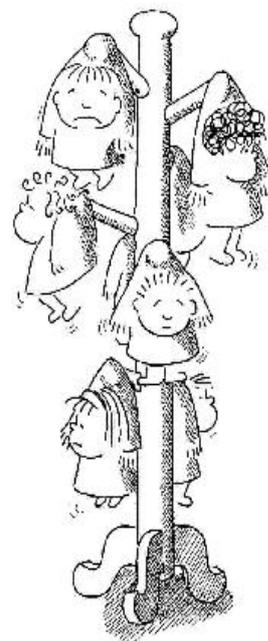
Crianças precisam explorar ambientes, passar por novas experiências, ampliar seu repertório vivencial, por isso, é preciso que haja uma intencionalidade educativa no trabalho do educador. O profissional de Educação Infantil precisa possibilitar que a criança estabeleça relações, interações, permitindo que a mesma caminhe para a construção de sua autonomia.

Contudo, o professor de educação infantil não pode partir para a homogeneização e simplesmente ignorar as particularidades das crianças. Ele precisa entender e respeitar as especificidades das crianças, sendo que cada uma é dona de uma forma própria de ver o mundo e a si mesma.

Neste sentido, o professor de educação infantil deve primeiramente partir para uma rica observação e continuar com seu olhar sensível a tudo que passa ao redor, buscando caracterizar a identidade do grupo e individual, para assim poder compreender suas crianças de forma a propor um planejamento flexível que contemple o que elas questionam, desejam, querem saber e conhecer.



(1980) Uma creche para estar juntos



(1976) A creche não é um castiçal

## UMA CRECHE PARA ESTAR JUNTOS

### Ana Paula Galvão

Estar junto na creche, conviver com os outros, com o que é diferente de si, com crianças com diversas características físicas, modos de agir e de pensar, com diferentes histórias e culturas, é muito enriquecedor e representa grande possibilidade para construção de novas brincadeiras, sonhos bem como aquisição de conhecimentos sobre realidades distantes.

O grupo em que a criança se insere, formado e caracterizado pela heterogeneidade, tem grande impacto na sua formação e identidade. Principalmente quando lhe é garantido o direito de conviver com a diferença, sem discriminações, desenvolvendo o respeito e valorizando as diversidades que permeiam os seres humanos.

A atitude de aceitação do outro em suas diferenças e particularidades precisa estar presente nos atos e atitudes dos adultos com quem as crianças convivem na instituição.

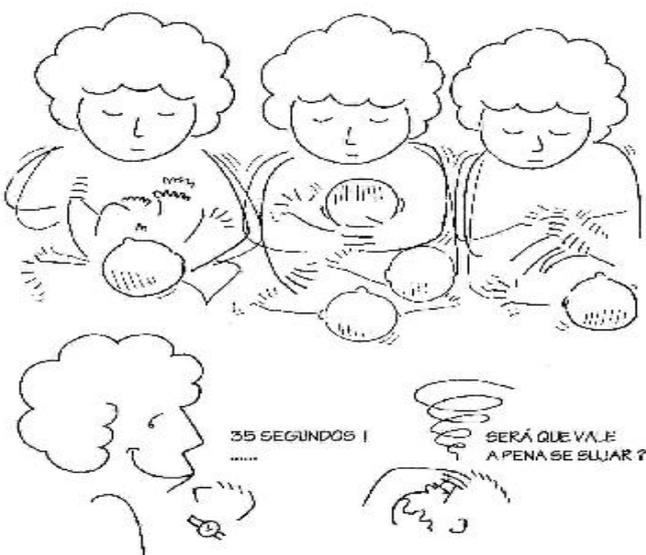
Essa proposta de conviver em grupo, conviver e respeitar a heterogeneidade, cabe principalmente ao professor de educação infantil, que deve ser o mediador das interações entre as crianças, das crianças com os adultos, das crianças com objetos e materiais disponíveis, entre outros.

Nesta perspectiva, a ação do professor de educação infantil deve ser no sentido de permitir e possibilitar a cooperação, a solidariedade, o diálogo, o respeito e a amizade entre todos que coabitam o mesmo espaço.

## UMA TROCA DE FRALDAS

**Juliana P. Gonçalves**

Nesta charge fica evidente a colocação de Tonucci contra o automatismo que muitas vezes se fazem presentes no interior das instituições de Educação Infantil principalmente, em relação às tarefas de cuidado com o corpo das crianças. Atualmente temos clareza das duas funções complementares e indissociáveis da Educação Infantil: Educar e Cuidar. Sendo assim não existe uma distinção entre momentos para a educação e momentos para o cuidado. Sabemos que as crianças aprendem com as trocas afetivas,



(1980) Uma troca de fraldas

com o contato com o outro e isto deve estar presente em todos os momentos no interior das creches e pré-escolas. Sendo assim, as crianças ao contrário do que se pensava não se educam somente nos momentos em que os adultos se colocam como transmissores do saber, desenvolvendo atividades consideradas “pedagógicas”, direcionadas.

Os profissionais da área devem valorizar e dar maior atenção a esta especificidade da Educação Infantil (o cuidar) , pois no contato com o outro são colocadas questões como o respeito, a afetividade e o zelo. Afinal é tarefa dos professores das crianças de 0 a 6 anos: “cuidar educando e educar cuidando”.

## EDUCAÇÃO SEXUAL

### Joseane de Souza

A sexualidade na educação infantil é uma questão séria e polêmica, pois muitos são os profissionais da área que não sabem como lidar com ela dentro da instituição. Ficam se questionando: Como trabalhar com as crianças a sua sexualidade, sem reprimí-las ou inibí-las? Até que ponto é permitido falar a respeito desse assunto com as crianças?

Como responder as curiosidades das crianças sobre questões sexuais? Devemos sempre falar toda a verdade? Como conversar com pais ou responsáveis sobre essas questões? Como devemos orientá-los neste sentido?



(1977) Educação sexual (1)

Limitamos nosso conhecimento sobre sexualidade tomando por base a nossa própria experiência e deixamos de lado toda a diversidade que a própria sexualidade implica. Infelizmente, a sociedade em que vivemos, baseada em princípios cristãos, acredita que as crianças são como anjos, seres assexuados que não possuem desejos e prazeres sexuais.

Mas na verdade as crianças também sentem desejos e prazeres sexuais e estes se manifestam de maneiras diferentes em cada cultura. Por este motivo, afirmamos que a criança é um corpo complexo, sujeito as variações históricas.

Em cada cultura a questão da sexualidade é tratada de maneira diferente. Quando nos deparamos na educação infantil com manifestações sexuais das crianças ficamos horrorizadas, pois não estamos preparadas para encarar esses fatos como algo “normal” que faz parte do desenvolvimento das mesmas.

As respostas 'as suas perguntas não devem ser ignoradas, devemos usar o bom senso para respondê-las, não devemos ser extremistas ao respondê-las (fantasiar ou explicar tudo).Em muitos momentos a manipulação de genitais, ou outras formas de expressão incomodam mais aos adultos, do que as crianças. Elas começam a descobrir o seu corpo e depois que a curiosidade inicial passar, a atenção da criança se voltará para outras coisas que lhe chame a atenção.

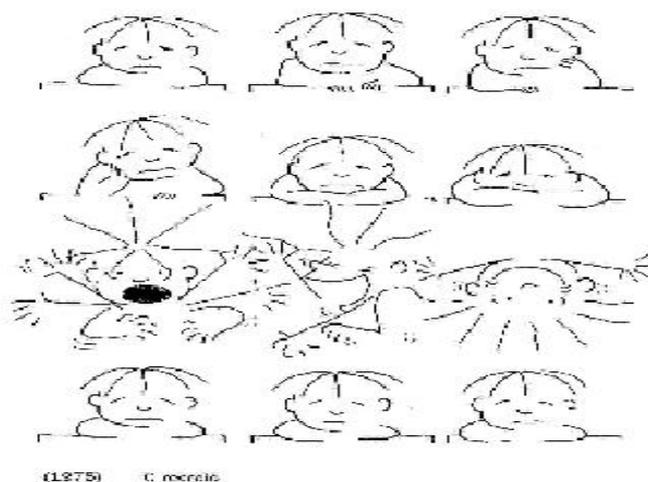
Acreditamos que deveria haver um espaço (horário) na instituição para que pais, responsáveis e professores pudessem ter mais esclarecimentos sobre esse assunto. As crianças estão cercadas por informações erotizadas que vão desde os programas de TV, amigos, pais, roupas, músicas, etc. Como negar essas informações que estão cada vez mais presentes em suas vidas?

Como tratar desse assunto nas creches? Como será que a sexualidade se manifesta entre as crianças? Como os educadores costumam reagir?

## O RECREIO...

**Fernanda S. Brum**

O espaço da brincadeira vai desaparecendo à medida que as crianças completam 5 ou 6 anos de idade.



sua fantasia fique mais próxima da realidade vivida.

O modelo escolar, a preparação para a 1ª série entra em cena restringindo esse tempo aos 15 minutos de recreio, esquecendo a brincadeira, o lúdico. São nesses 15 minutos destinados ao recreio e ao parque que as crianças vivenciam o lúdico, a corporeidade, a cooperação e o afeto. É também neste espaço, que a criança constrói o cenário necessário para que

As brincadeiras e o lúdico de modo geral, levam à construção pela criança de um mundo ilusório, de situações imaginárias. A criança experimenta vários papéis no brincar, internalizando com isso regras de conduta e sistemas de valores que irão orientar seu comportamento.

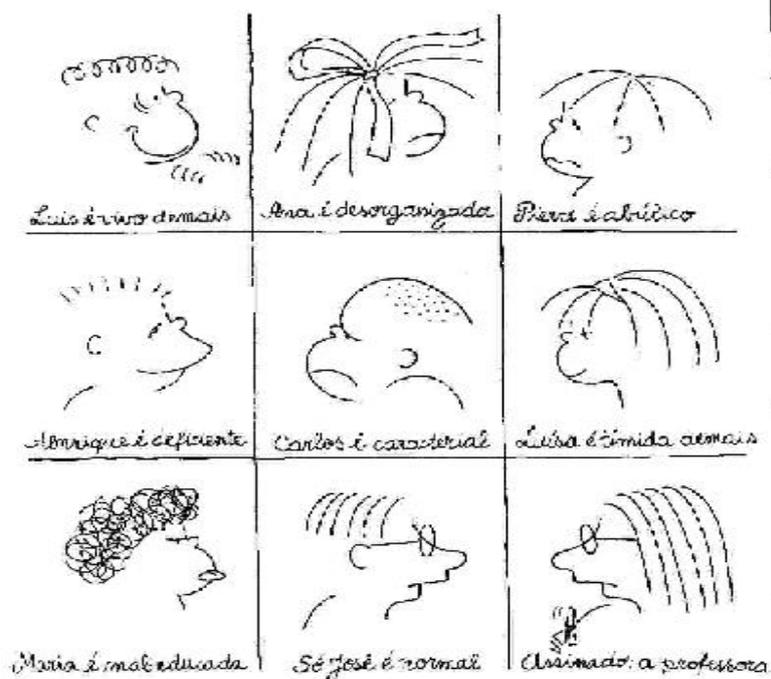
No entanto, o que se verifica, como bem coloca Batista, é que “a inserção da criança como sujeito que pensa e que se expressa através de outras linguagens acaba sendo, muitas vezes, um empecilho para o funcionamento de uma estrutura que pretende a homogeneidade.” (1998:146)

Deste modo, frisamos a importância da LDB 9.394/96 e dos critérios de atendimento em creche que respeite os direitos fundamentais das crianças, quando atribui a educação infantil, especificidades diferenciadas do ensino fundamental, quebrando a idéia de que as crianças podem brincar somente depois de realizar as atividades propostas.

## A AVALIAÇÃO...

Gabriela Handel

Deste fragmento do ano de 1974 do livro de Tonucci, podemos ver que, apesar de



(1974) A avaliação (2)

se terem passado quase trinta anos, esse episódio ainda faz parte da realidade e prática cotidiana de muitos professores, no que diz respeito à avaliação no âmbito das instituições de educação infantil.

É de suma importância ressaltar inicialmente, que pela atual legislação, no artigo 31 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a avaliação na educação infantil, deve ser feita mediante

acompanhamento e registro do desenvolvimento da criança, não tendo o objetivo de promoção para o acesso ao ensino fundamental.

Portanto, no contexto da educação infantil, a avaliação não deve ser encarada como um julgamento, pois isso seria uma forma de classificar e estigmatizar as crianças, não levando em conta os acontecimentos que acompanham todo o cotidiano em questão. De acordo com Hoffmann (1996), a avaliação deve ser mediadora, onde “mediação significa um estado de alerta permanente do professor que acompanha e estuda a história da criança em seu processo de desenvolvimento”(p.31).

Neste sentido, constatamos que a avaliação envolve o todo que faz parte do cotidiano vivenciado pelo grupo, onde todos são avaliados. Assim, ela passa a ser uma ação

crítica e transformadora, onde o professor acompanha o seu grupo, investigando, observando e refletindo sobre a criança, sobre o grupo, sobre a sua prática pedagógica, sobre a instituição.

Portanto, a avaliação é um processo que deve ser incorporado na prática do professor, onde, todas as experiências, manifestações, vivências, descobertas e conquistas das crianças devem ser valorizadas, com o objetivo de revelar o que a criança já tem e não o que lhe falta.

## **BIBLIOGRAFIA**

BATISTA, Rosa. A Rotina no dia-a-dia da Creche: entre o Proposto e o Vivido. N. Florianópolis: UFSC/Dissertação de Mestrado, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto/ Secretaria da Educação Fundamental/ Coordenação Geral de Educação Infantil. Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças. Brasília: MEC, 1995.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federal do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. Organização do texto: Juarez de Oliveira. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990. 168p. (Série Legislação Brasileira).

BRASIL. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União, ano CXXXIV, n. 248, 23/12/1996, pp. 27833-27481.

HOFFMANN, Jussara. Avaliação na pré-escola: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança. Porto Alegre: Mediação, 1996.

TONUCCI, Francesco. Com Olhos de Criança. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.